Renúncia surgiu em má hora

Marcos Seabra

■ BRASÍLIA. O Palácio do Planalto está, novamente, às voltas com as disputas internas no Senado que interferem diretamente em suas pretensões. O problema agora é a sucessão do senador Renan Calheiros na Presidência da Casa. O cenário mostrou que o governo tem 48 votos no Senado, sem contar com o voto do senador Aloizio Mercadante, do PT paulista, que declarou seu vo-

to contra Renan. A absolvição foi um termômetro para o Planalto, que resultou num diagnóstico preocupante: levando-se em conta o número de governistas que livraram Renan, o Planalto não teria os 49 votos para aprovar a CPMF hoje.

— O melhor cenário para o governo teria sido que a renúncia de Renan ocorresse depois da votação da CPMF, pelo menos depois do primeiro turno — avaliou o analista político sênior da consultoria Arko Advice, Murillo de Aragão.

O regimento do Senado obriga o presidente interino a convocar eleição do substituto de Renan em até cinco dias úteis o que poderá acontecer na próxima quarta-feira. É consenso entre os partidos que a vaga pertence ao PMDB. Mas a oposi-

ção ameaça lançar candidato caso discorde do nome indicado.

— *Acredito que a turbulência tem que ser muito grande para que a oposição realmente decida por uma candidatura própria* — disse Aragão.

O preferido do PSDB e do DEM é o senador Jarbas Vasconcelos (PMDB-RN), que apesar de ser do partido de Renan combate o governo de Lula. Os líderes então abriram mão e aceitam Garibaldi Alves (PMDB-RN), que já conversou com Lula e teria concordado em trabalhar na linha do Palácio do Planalto.

Na avaliação da Arko, as chances de vitória dos adversários do governo são muito pequenas, cerca de 5%. Mas PSDB e DEM não vão perder a oportunidade de marcar posição na Casa.